

Carmen B Moreira

Publicações científicas e as relações Norte-Sul: racismo editorial?

North-South relations in scientific publications: editorial racism?

RESUMO

O objetivo do estudo foi comentar a possível existência de preconceito editorial entre editores de revistas científicas de países do Norte contra autores do Sul. Destacou-se que em estudo por métodos bibliométricos ficou evidenciada a existência de um importante desequilíbrio entre a produção científica de pesquisadores de países de alta renda (“Norte”) e daqueles trabalhando em instituições de países de renda média ou baixa (“Sul”). Há uma percepção generalizada entre autores brasileiros de que, em parte, isso seria devido a preconceito de editores de revistas internacionais contra autores do Sul – 75% de uma amostra de 244 autores que responderam a inquérito acreditam que exista preconceito. Essa impressão é reforçada pela observação de uma minoria dos membros de conselhos editoriais das principais revistas na área de saúde proveniente do Sul. Embora o preconceito possa explicar parte do problema, há também questões específicas e remediáveis que podem aumentar a probabilidade de publicar no exterior. Essas incluem investir na qualidade do texto e da redação, e mostrar empatia com editores e leitores, sinalizando claramente a contribuição que o artigo pode trazer para a literatura internacional. Finalmente, é abordada a questão de onde publicar: em periódicos nacionais ou internacionais. Foram propostos seis tópicos que devem ser levados em conta nessa opção: idioma e público-alvo; tipo de contribuição ao conhecimento; capacidade de generalização; índice de citações; velocidade de publicação; e acesso livre. O aumento rápido de publicações brasileiras em periódicos internacionais mostra que o preconceito editorial, embora existente, pode ser efetivamente vencido por trabalhos com metodologia sólida e apresentação de qualidade.

DESCRITORES: Viés de publicação. Políticas editoriais. Saúde pública. Epidemiologia.

ABSTRACT

The aim of the present study was to comment on the possible existence of editorial prejudice among the editors of scientific journals from Northern countries against Southern authors. We highlight that a study using bibliometric methods documented an important imbalance in terms of the international scientific production of health researchers from high-income countries (the “North”) and those from low and middle-income countries (the “South”). In a survey of Brazilian researchers, three in every four blamed this imbalance, at least in part, on prejudice among international editors. This is supported by the fact that a very small percentage of editorial board members of international journals come from the South. Although prejudice can explain part of the imbalance, there are also specific measures that may increase the likelihood of a paper from the South being accepted in international journals. These include the need to invest in the quality of the written text, and to show empathy with editors and readers, emphasizing the contribution

Programa de Pós-Graduação em
Epidemiologia. Universidade Federal de
Pelotas. Pelotas, RS, Brasil

Correspondência | Correspondence:

Cesar G. Victora
Programa de Pós-Graduação em
Epidemiologia - UFPel
Av. Duque de Caxias, 250 3º piso
Caixa Postal 464
96001-970 Pelotas, RS, Brasil
E-mail: cvictora@terra.com.br

Recebido: 31/3/2006

of the manuscript to the international literature. Finally, we discuss whether research carried out in the South should be published in national or international journals, and suggest that there are at least six dimensions to this choice. These include language and target audience; type of contribution to knowledge; generalizability; citation index; speed of publication; and open access. The rapid growth in the number of Brazilian contributions to the international health literature shows that editorial prejudice, although often present, can be effectively offset by research with solid methodology and good-quality presentation.

KEYWORDS: Publication bias. Editorial policies. Public health. Epidemiology.

O PROBLEMA

Uma ampla revisão internacional sobre a distribuição das publicações científicas na área da saúde inclui as principais bases bibliométricas entre 1992 e 2001. A revisão mostrou que 90,4% dos artigos publicados eram de países de alta renda, 7,9% de países de renda média (incluindo o Brasil com 0,7%) e 2,7% de países de baixa renda.⁶ Estas conclusões têm sido confirmadas por outros estudos similares.¹⁰

Este acentuado desequilíbrio pode ser explicado por diversos fatores. Em primeiro lugar, a produção científica em países de renda média e baixa (ou países do Sul) é sem dúvida inferior àquela dos países de alta renda (Norte), devido a diversos fatores como menores investimentos em pesquisa, número reduzido de pesquisadores e laboratórios, “fuga de cérebros” para países ricos e outros. Em segundo lugar, as pressões para publicar artigos, em alguns dos países do Sul, são – ou pelo menos costumavam ser – bem menos intensas do que em países do Norte. Uma terceira explicação é o uso mais intenso, particularmente na área da saúde coletiva, de delineamentos qualitativos e observacionais – como estudos ecológicos e transversais¹ – os quais são menos valorizados na literatura internacional do que estudos experimentais.¹⁴ Um quarto fator é que a parcela da produção científica do Sul publicada em revistas nacionais não é adequadamente captada pelas bases de dados internacionais. Finalmente, há a possibilidade de preconceito editorial, tema abordado no presente artigo.

Parece haver uma percepção generalizada entre cientistas brasileiros de que existe preconceito contra trabalhos do Sul por parte de editores e revisores de revistas publicadas em países do Norte, particularmente nos países de língua inglesa que concentram a maior parte dos periódicos de alto impacto. A esse respeito, não são raros relatos como este:

Uma conceituada revista publicou um artigo baseado em uma coorte norte-americana, mostrando que a amamentação protegia contra o sobrepeso em crian-

ças e adolescentes de 9-14 anos.³ O estudo não possuía base populacional, sendo as informações sobre duração da amamentação obtidas retrospectivamente a partir das mães, quando seus filhos estavam na faixa etária estudada. As informações sobre peso e altura foram também obtidas através de relato maternos e um único desfecho (índice de massa corporal) foi avaliado, sendo a taxa de resposta do estudo inferior a 50%. A revista incluiu ainda um editorial salientando a importância da amamentação na prevenção da obesidade. Dentro de poucas semanas, enviamos para a revista um artigo baseado em uma coorte de nascimentos brasileira, com base populacional, na qual mais de 2000 adolescentes de 18 anos foram pesados, medidos e tiveram sua composição corporal avaliada por nossa equipe com procedimentos padronizados. As informações sobre duração do aleitamento foram coletadas durante três visitas nos primeiros quatro anos de vida, sendo 80% dos membros da coorte original localizados aos 18 anos. Nosso estudo não mostrou qualquer associação entre aleitamento e oito indicadores diferentes de sobrepeso, obesidade, composição corporal e altura. O artigo foi recusado imediatamente. Apelamos para o editor, sem sucesso. O artigo foi finalmente publicado em outra revista internacional, cujos editores foram mais receptivos.¹³

Na vida acadêmica, poucas coisas são mais frustrantes do que receber uma carta com a expressão: “pensamos que seu artigo seria mais adequado para uma publicação local ou regional”. Ou então, “recebemos um número de manuscritos muito superior ao que podemos publicar, e seu artigo não recebeu prioridade suficiente para ser incluído...”. O autor muitas vezes se sente como mostra a Figura 1.

Na tentativa de quantificar esta experiência coletiva, foi feita uma enquete com todos os 351 primeiros autores de artigos publicados em 2005 na Revista de Saúde Pública, Cadernos de Saúde Pública e Revista Brasileira de Epidemiologia, perguntando se “em sua opinião, há preconceito dos editores de revistas produzidas em países ricos contra artigos submetidos

por pesquisadores de países menos desenvolvidos como o Brasil?” Dos autores contatados, 30% não responderam após duas tentativas. A distribuição das respostas válidas é mostrada na Figura 2. Três quartos dos respondentes concordaram totalmente (25%) ou parcialmente (50%) com a afirmativa. Apenas 8% opinaram discordar totalmente.

Durante o inquérito, vários colegas expressaram sua opinião sobre a questão. Os principais comentários foram do tipo “concordo que haja algum grau de preconceito, mas nossos artigos também apresentam problemas e peculiaridades que os tornam pouco atrativos”. Os problemas mais frequentemente mencionados incluem deficiências na redação em inglês e a má qualidade geral de alguns artigos. Entre as peculiaridades, foram mencionados o estudo de problemas de saúde de importância local com baixa relevância internacional; o fato de os resultados serem muito específicos para a realidade brasileira (por exemplo, avaliação de serviços e programas); e o interesse de países do Sul em questões relativas a iniquidades em saúde, tema de interesse reduzido para alguns periódicos do Norte.

A percepção desse problema já existe há algum tempo. Em 1995, Breilh,² do Equador, apontava que a produção científica latino-americana era praticamente “invisível” na América do Norte e na Europa: “há uma ignorância olímpica sobre livros, trabalhos e inovações instrumentais geradas no coração da América Latina”.

No Congresso Internacional de Epidemiologia de 2002, em Montreal, houve uma mesa redonda sobre esse tema, que reuniu alguns editores de revistas internacionais. Na ocasião, o primeiro autor do presente artigo apresentou uma análise de revisão dos artigos publicados no *International Journal of Epidemiology* (IJE) e no *American Journal of Epidemiology* (AJE) em 2000 e 2001. No primeiro, 11% dos primeiros autores de artigos eram de países do Sul; no segundo, 6%. Estes resultados foram comparados com o percentual de membros dos conselhos editoriais dessas revistas que, naquela época, trabalhavam em países do Sul: nenhum dos 65 editores associados do AJE, e dois em 16 no IJE. Na revista *Epidemiology*, nenhum dos 30 conselheiros era do Sul. A situação era discretamente melhor no *American Journal of Public*



Figura 1 - Um autor latino-americano perante um editor internacional?

Health, onde dois dos nove editores associados eram de países de renda baixa ou média.

Essa importante discussão foi intensificada a partir de 2003, quando Saxena et al⁹ publicaram uma carta no *Lancet* mostrando que, entre 530 membros de comitês editoriais das 10 maiores revistas de psiquiatria, apenas quatro eram do Sul. Essa carta foi seguida de um inflamado comentário pelo editor da revista, destacando que apenas oito dos 111 conselheiros editoriais das cinco maiores revistas médicas eram do Sul.⁴ Esse editor usou o termo “racismo institucional”, sendo seu comentário seguido por cartas e arti-

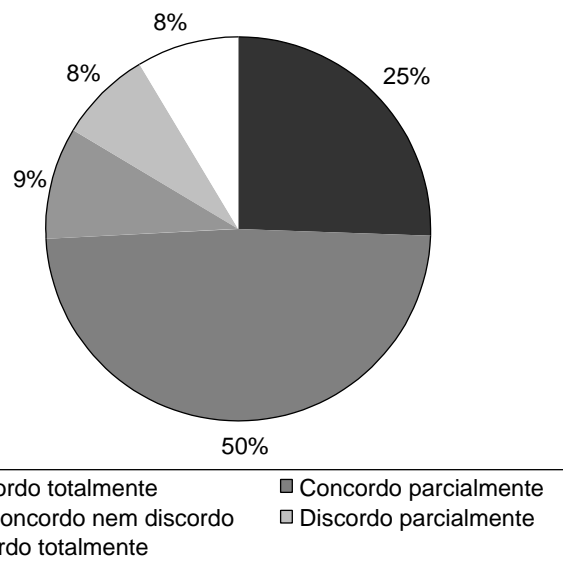


Figura 2 - Proporções de 244 autores de artigos em três revistas brasileiras de saúde coletiva, conforme suas respostas para a pergunta: “em sua opinião, há preconceito dos editores de revistas produzidas em países ricos contra artigos submetidos por pesquisadores de países menos desenvolvidos como o Brasil?”

gos comprovando este desequilíbrio nas áreas de medicina tropical,⁵ pediatria¹¹ e psiquiatria.¹²

Em resumo, parece não haver dúvidas de que exista algum grau de preconceito contra trabalhos do Sul, mas não parece ser justo atribuir toda a responsabilidade aos editores. Nas próximas seções, serão abordadas algumas tendências recentes das publicações internacionais, que podem contribuir para reduzir este problema.

O QUE HÁ DE NOVO?

A ampla revisão da produção científica na área da saúde entre 1992 e 2001, citada anteriormente,⁶ apontou também alguns resultados positivos. A principal tendência temporal detectada no período foi um acentuado aumento na proporção de publicações do Brasil, da China e da República da Coréia. Mesmo com esse aumento, o Brasil respondeu por apenas 0,73% das publicações no período, sendo ainda superado por países pequenos como a Finlândia e a Dinamarca.⁶

Grande parte do progresso brasileiro deve ser atribuída à notável expansão no setor de pós-graduação e pesquisa no país nas últimas décadas. O fato de que muitos autores brasileiros estão rompendo a barreira de publicar internacionalmente mostra que estes obstáculos não são intransponíveis.

Por outro lado, há também algumas evidências de mudanças nas atitudes de algumas revistas internacionais. Seguem-se algumas delas, mais uma vez de natureza algo anedótica.

O *British Medical Journal*, ao solicitar um editorial a um colega norte-americano em 2000, salientou que “*we are anxious that our editorials should have as much international appeal as possible because of our international readership. A global view of the subject is therefore essential for our readers... this editorial should have a coauthor who is from a developing country.*”

A editora do *American Journal of Public Health*, ao convidar esse autor para ser Editor Associado, salientou que “*I am looking for an international associate editor to ensure that critical public health research from outside of the United States is brought to the attention of our readers.*”

Recentemente, a revista *The Lancet* iniciou a indicação de 100 consultores editoriais, sendo 25 da Europa, 25 da América do Norte e os outros 50 do restante do mundo. Dois brasileiros já foram indicados. Essa revista tem priorizado questões relacionadas a doenças

de países pobres, e em praticamente todas suas edições há pelo menos um artigo sobre o tema, o que foi confirmado por avaliação bibliométrica independente.¹⁰

Embora ainda tímidas, as medidas acima poderão contribuir para reduzir o viés de publicação contra o Sul. Na próxima seção, será abordado o que autores e instituições brasileiras podem fazer.

O QUE FAZER

Esta seção é descrita com base na experiência do primeiro autor como consultor editorial e revisor de revistas estrangeiras, ao julgar um trabalho do Sul.

O primeiro problema é a qualidade da redação. Muitos artigos submetidos por autores brasileiros apresentam sérios problemas de redação em inglês. A má redação coloca o editor ou revisor, *a priori*, em uma posição de rejeição. Escrever bem em inglês científico é muito difícil, mesmo para pesquisadores com pós-graduação no exterior. A revisão por um tradutor qualificado pode ajudar, mas se o mesmo não possuir experiência em redação de trabalhos científicos, suas sugestões podem piorar ainda mais o texto. Grupos de pesquisa que desejam aumentar sua projeção internacional devem pensar seriamente em contratar redatores científicos especializados, se possível, cuja língua nativa seja o inglês.

O segundo problema é falta de empatia com o leitor (ou, em uma fase inicial, com o editor e revisores). Ao descrever uma pesquisa brasileira na literatura internacional, o autor deve se questionar se um leitor de fora do Brasil conseguiria entender o texto. Isso vale para questões específicas, como por exemplo, explicar o que é o salário mínimo utilizado para caracterizar renda familiar, ou detalhar a localização e características da área geográfica onde foi realizado o estudo. Isso vale também para questões gerais: qual seria o interesse de uma revista internacional em publicar um estudo brasileiro? Para este fim, é necessário discutir a validade externa do estudo, caracterizando bem a população estudada, e especular se os resultados seriam ou não generalizáveis a outros contextos. Muitas vezes, estudos brasileiros apresentam vantagens em relação a pesquisas realizadas no Norte, como a possibilidade de estudar doenças ou exposições específicas de populações pobres.

A terceira questão é de forma. Todo editor gosta de receber artigos que sigam rigorosamente as normas de preparação de manuscrito da revista. Por exemplo, se o resumo deve ou não ser estruturado, a informação contida na página de rosto, o formato das referências, os títulos das seções do manuscrito, entre ou-

tros. Nenhum editor gosta de receber um manuscrito que parece ter sido submetido previamente para outra revista, rejeitado, e encaminhado para sua revista sem alteração no formato. É claro que qualquer editor de uma revista que não seja de absoluta primeira linha sabe que está recebendo muitos artigos previamente recusados, mas reformatar o artigo especificamente para a revista em questão é essencial.

Ainda dentro da questão formal, o tamanho do artigo é importante. Em geral, editores preferem publicar artigos curtos, pois é possível incluir um maior número de trabalhos em um número fixo de páginas. Por questões culturais que fogem do escopo deste trabalho, parece que autores de origem latina tendem a ser prolixos, pelo menos do ponto de vista dos anglo-saxões. Isso resulta, por exemplo, em seções de Introdução e de Discussão extremamente longas, e muitas vezes em superar o limite de palavras preconizado pela revista. Esse pode ser um erro fatal, pois o editor se pergunta se vale a pena enviar um artigo tão extenso para revisão, muitas vezes optando pela recusa sumária.

Atualmente, na maior parte das revistas internacionais de qualidade, 90% ou mais dos artigos são rejeitados imediatamente sem revisão externa. Os editores tomam essa decisão rapidamente, sem ler todo o artigo. Os critérios utilizados incluem a aparente qualidade do artigo (em parte baseada na redação e forma, mas também na metodologia e sua extensão), seu presumido interesse para os leitores da revista, e sem dúvida a autoria; autores conhecidos ou filiados a instituições de renome indiscutivelmente apresentam maiores chances de passar pelo crivo inicial. No mencionado inquérito, um colega comentou espontaneamente: *“o problema não é ser brasileiro, é ser desconhecido”*. O preconceito editorial pode, sem dúvida, ter um papel importante na seleção sumária de artigos a serem encaminhados para a revisão.

Editores geralmente iniciam pela leitura da carta de apresentação do artigo (“cover letter”). Esta é freqüentemente subestimada por alguns autores, mas na verdade é a melhor oportunidade que o autor tem de convencer o editor de que seu artigo é apropriado para aquela revista. É também uma oportunidade para argumentar como um estudo realizado no Brasil pode contribuir para a literatura internacional. Em seguida é lido o resumo, e depois, os métodos. Com a leitura destas três partes, é possível decidir se o artigo deve ser enviado para revisores externos ou não.

Concluindo, é importante levar em conta os aspectos formais do artigo e mostrar empatia com o público alvo, se desejamos publicar nossos trabalhos em revistas do Norte. A experiência pessoal do primeiro autor é

de que, depois que um autor se torna experiente e conhecido, o percentual de recusas baixa rapidamente.

ONDE PUBLICAR?

Ao encomendar este artigo, os editores da Revista de Saúde Pública mencionaram que *“talvez aqui também possa ser tratada a questão dos diferentes públicos para as diferentes produções, ou seja, qual tipo de produção tem como alvo o público nacional e que produções poderiam ter interesse para uma audiência internacional. Parece importante quebrar a falsa e simplista idéia de que pesquisas robustas vão para publicações internacionais e pesquisas fracas ficam destinadas ao público interno”*. Essa é uma questão complexa, com várias dimensões, e que tem sofrido mudanças profundas nos últimos anos. Ao decidir sobre onde publicar, os autores precisam levar em conta os seguintes pontos:

- *Idioma e público-alvo.* Ao submeter um artigo, é importante pensar no público-alvo para os resultados da pesquisa. Por exemplo, a avaliação de um programa de saúde precisa ser publicada em português, por sua importância para a tomada de decisões no país. Não obstante, uma boa avaliação é também de interesse do público internacional - o *Programa de Educación, Salud y Alimentación* (PROGRESA) mexicano, que inspirou o programa Bolsa-Família, tem sido alvo de avaliações de alta qualidade,⁷ que se ficassem restritas ao público mexicano teriam pouco ou nenhum alcance sobre leitores de outros países. O mesmo se aplica para o estudo sobre revacinação (REVAC), recentemente publicado por brasileiros.⁸ Uma solução para essa questão é a revista oferecer ao autor a publicação bilingüe, como ocorre atualmente na Revista de Saúde Pública.
- *Tipo de contribuição ao conhecimento.* Quando um estudo brasileiro produz resultados altamente originais, seus autores normalmente tentarão publicá-los em periódico internacional de alto impacto, para atingir um público-alvo mais amplo. Por outro lado, estudos confirmatórios de associações já conhecidas, mas que ainda assim precisam ser replicados em nosso meio, são mais adequados para revistas nacionais.
- *Capacidade de generalização.* Trabalhos abordando desfechos ou exposições predominantemente biológicos, e portanto, mais facilmente generalizáveis para outros contextos, são adequados para publicações internacionais. Por outro lado, pesquisas sobre prevalência de problemas de saúde em nossa população, de avaliação de serviços ou programas nacionais, ou sobre desigualdades em saúde, têm maior interesse local. Ao contrário das ciências básicas, resultados de

pesquisas na área da saúde coletiva tendem a ser altamente dependentes do contexto local, portanto, muitas vezes mais apropriados para revistas nacionais.

- *Índice de citações.* Infelizmente, os índices de citações de revistas do Sul são ainda baixos, se comparados com grande parte dos periódicos internacionais. Sendo esse um critério importante para a avaliação de nossos programas de pós-graduação, há um forte estímulo para publicações em revistas internacionais. Na área da saúde coletiva do Brasil, este problema não é tão agudo, pois os dois principais periódicos são considerados internacionais para fins de avaliação. Entretanto, em outras áreas do conhecimento esse é um estímulo importante para publicar no exterior.
- *Velocidade de publicação.* Há uma idéia generalizada de que a publicação de artigos em periódicos nacionais é demorada, freqüentemente levando um ano ou mais, enquanto em revistas internacionais o processo seria mais ágil. Não conhecemos dados comparativos que comprovem esta diferença. Um outro atrativo para o envio de artigos para revistas internacionais de primeira linha é que, devido ao grande número de submissões, a rejeição é quase imediata para grande parte dos artigos, e portanto o autor perde pouco tempo em relação a revistas onde a maioria dos manuscritos é enviada para revisão externa, e uma recusa pode levar meses para ser formalizada. Na revista *The Lancet*, existe a opção de *fast track*, que reduz o intervalo entre submissão e publicação a menos de um mês, mas esta opção está restrita a artigos realmente inovadores. Periódicos brasileiros poderiam considerar essa possibilidade, como um incentivo a artigos de alta qualidade.
- *Acesso livre.* Uma grande vantagem dos periódicos nacionais é o acesso livre (*open access*) aos trabalhos publicados, o que não ocorre com grande parte dos periódicos internacionais. Há uma

pressão crescente para expandir o acesso livre; por exemplo, o *National Institutes of Health* e o *Wellcome Trust* não permitem mais que artigos originados por pesquisas por eles financiadas sejam publicados em revistas de acesso restrito.

Em resumo, a decisão sobre onde publicar é complexa e depende dos vários fatores mencionados acima. Com a disseminação das publicações eletrônicas e bilíngües, esta questão está evoluindo rapidamente, no sentido de reduzir a distância entre periódicos nacionais e internacionais.

CONCLUSÕES

No presente comentário, discutiu-se o acentuado desequilíbrio nas publicações científicas internacionais entre pesquisadores de países de Norte e do Sul. Mostrou-se uma percepção generalizada entre autores brasileiros de que, pelo menos em parte, o desequilíbrio se deve a preconceito de editores de revistas internacionais contra autores do Sul, o que está de acordo com a pequena minoria dos membros do Sul em conselhos editoriais das principais revistas na área de saúde. Embora o preconceito possa explicar parte do problema, existem medidas específicas que podem aumentar a possibilidade de publicação no exterior, como investir na qualidade do texto e da redação, sinalizar claramente a contribuição do artigo para a literatura internacional. Finalmente, abordou-se a questão de onde publicar: em periódicos nacionais ou internacionais. Pelo menos seis tópicos devem ser levados em conta nessa opção: idioma e público-alvo; tipo de contribuição ao conhecimento; capacidade de generalização; índice de citações; velocidade de publicação; e acesso livre. O aumento rápido da produção brasileira em periódicos internacionais mostra que o preconceito editorial, embora existente, pode ser efetivamente vencido por trabalhos com metodologia sólida e apresentação de qualidade.

REFERÊNCIAS

1. Almeida-Filho N, Kawachi I, Filho AP, Dachs JN. Research on health inequalities in Latin America and the Caribbean: bibliometric analysis (1971-2000) and descriptive content analysis (1971-1995). *Am J Public Health*. 2003;93:2037-43.
2. Breilh J. Epidemiology's role in the creation of a humane world: convergences and divergences among the schools. *Soc Sci Med*. 1995;41:911-4.
3. Gillman MW, Rifas-Shiman SL, Camargo CA, Jr., Berkey CS, Frazier AL, Rockett HR, et al. Risk of overweight among adolescents who were breastfed as infants. *JAMA*. 2001;285:2461-7.
4. Horton R. Medical journals: evidence of bias against the diseases of poverty. *Lancet*. 2003;361:712-3.
5. Keiser J, Utzinger J, Tanner M, Singer BH. Representation of authors and editors from countries with different human development indexes in the leading literature on tropical medicine: survey of current evidence. *BMJ*. 2004;328:1229-32.
6. Paraje G, Sadana R, Karam G. Public health. Increasing international gaps in health-related publications. *Science*. 2005;308:959-60.

7. Rivera JA, Sotres-Alvarez D, Habicht JP, Shamah T, Villalpando S. Impact of the Mexican program for education, health, and nutrition (Progresa) on rates of growth and anemia in infants and young children: a randomized effectiveness study. *JAMA*. 2004;291:2563-70.
8. Rodrigues LC, Pereira SM, Cunha SS, Genser B, Ichihara MY, de Brito SC, et al. Effect of BCG revaccination on incidence of tuberculosis in school-aged children in Brazil: the BCG-REVAC cluster-randomised trial. *Lancet*. 2005;366:1290-5.
9. Saxena S, Levav I, Maulik P, Saraceno B. How international are the editorial boards of leading psychiatry journals? *Lancet*. 2003;361:609.
10. Sumathipala A, Siribaddana S, Patel V. Under-representation of developing countries in the research literature: ethical issues arising from a survey of five leading medical journals. *BMC Med Ethics*. 2004;5:E5.
11. Tutarel O. How international are leading general paediatric journals? *Arch Dis Child*. 2005;90:816-7.
12. Tyrer P. Combating editorial racism in psychiatric publications. *Br J Psychiatry*. 2005;186:1-3.
13. Victora CG, Barros F, Lima RC, Horta BL, Wells J. Anthropometry and body composition of 18 year old men according to duration of breast feeding: birth cohort study from Brazil. *BMJ*. 2003;327:901-4.
14. Victora CG, Habicht JP, Bryce J. Evidence-based public health: moving beyond randomized trials. *Am J Public Health*. 2004;94:400-5.

O primeiro autor é Editor Associado Internacional do *American Journal of Public Health* e Consultor Editorial da revista *The Lancet*, assim como membro de conselhos editoriais de outras revistas internacionais e nacionais, incluindo a Revista de Saúde Pública.